



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Saharasia: a passagem da cultura matriarcal desencouraçada para a cultura patriarcal encouraçada. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

SAHARASIA: A PASSAGEM DA CULTURA MATRIARCAL DESENCOURAÇADA PARA A CULTURA PATRIARCAL ENCOURAÇADA

Gisele Fontenelle de Oliveira Castro

RESUMO

Através dos estudos do antropólogo Malinowski sobre as culturas matriarcal e patriarcal dos povos da Oceania, Reich confirmou sua tese de que a origem da repressão sexual é socioeconômica e não biológica, como havia postulado Freud. Atualmente, os estudos sobre o matriarcado destacam-se como uma nova ciência sociocultural, cujo objetivo principal é alcançar uma sociedade igualitária e sustentável. É dentro desta ótica contemporânea que se destacam contribuições como a do pesquisador reichiano, Dr. James DeMeo. Através de uma abordagem geográfica do comportamento humano, os estudos de DeMeo indicam que as origens do patriarcado remontam ao surgimento de uma área por ele denominada de *Saharasia*. Associando suas descobertas aos achados de Reich sobre a repressão sexual e emocional e seus reflexos sobre o comportamento humano, DeMeo traça um curioso contraste entre as culturas patriarcal (encouraçada) e matriarcal (desencouraçada).

Palavras-chave: Matriarcado. Patriarcado. *Saharasia*.

.....

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as ideias expostas pelo Dr. James DeMeo¹, geógrafo e cientista ambiental, no seu artigo: “*Saharasia* – As Origens da Cultura Patriarcal Autoritária na Desertificação Antiga”, publicado no livro sobre o matriarcado “*Societies of Peace*” (GOETTNER-ABENDROTH, 2009).

Também visa a articular tais ideias a conceitos reichianos e concepções sobre o matriarcado.

De acordo com DeMeo (2009), a abordagem geográfica do comportamento humano possibilitou a confirmação da existência de um período no qual a sociedade humana como um todo era pacífica e igualitária. Tal abordagem também tornou possível datar e localizar a transição desta primeira organização social para uma cultura violenta e bélica, considerando as condições ambientais e ecológicas presentes então.

1 - DeMeo é o diretor do Laboratório de Pesquisa Biofísica do Orgone, em Oregon (EUA), fundado em 1978. É também autor do livro “O Manual do Acumulador de Orgônio” (1995).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Saharasia: a passagem da cultura matriarcal desencouraçada para a cultura patriarcal encouraçada. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

O ponto de partida para as investigações de DeMeo (2009) foi a teoria da economia sexual de Wilhelm Reich, definida por este como “[...] o modo como o indivíduo lida com a sua energia biológica - que quantidade reserva e que quantidade descarrega orgasticamente. (REICH, 2001, p. xxxiv).

A teoria reichiana da economia sexual

[...] identificou a agressividade destrutiva e a violência sádica do Homo sapiens como uma condição completamente anormal, resultante de uma inibição crônica e traumática da respiração, expressão emocional e impulsos dirigidos para o prazer (DEMEO, 2009, p. 407, tradução nossa).

Quanto à repressão sexual, esta é produto de uma cultura negadora do sexo, baseada em uma moral compulsiva. A estrutura humana constrói-se no conflito entre as necessidades humanas e a moral social. (REICH, 1969).

O resultado desse conflito é a formação de uma couraça que cria uma barreira, isolando o indivíduo tanto de seus impulsos naturais primários de amor e dirigidos ao prazer, como do mundo exterior. Ao impedir que a energia biológica flua livremente no organismo, a couraça cria uma estagnação e um acúmulo energéticos.

Assim, o encouraçamento e os consequentes impulsos secundários antissociais não são processos biológicos, mas produtos de uma cultura patriarcal autoritária, como afirma Reich (1969) em sua crítica à filosofia cultural freudiana a qual afirmava que a cultura só poderia existir a partir da repressão ou da renúncia dos instintos.

Mas, para Reich (1969), a repressão sexual é pré-requisito somente para a formação da cultura patriarcal autoritária e não de toda cultura.

Estudos antropológicos indicam que, em uma minoria de culturas, rituais e instituições sociais punitivos e repressores encontram-se ausentes. Estas são sociedades não violentas, com vínculos conjugais geralmente monogâmicos e não compulsivos e relações sociais harmônicas e pacíficas (DEMEO, 2009).

As pesquisas etnográficas demonstraram “[...] que a vinculação entre as crianças e os pais muda com os processos sociais; que era, portanto, de natureza sociológica e não biológica.” (REICH, 1977, p.197).

Reich confirmou seus achados clínicos sobre a origem social da repressão sexual nas pesquisas do antropólogo polaco Bronislaw Malinowski



(1884 - 1942) que, entre vários outros trabalhos, publicou o clássico “*The Sexual Life of Savages*” (A Vida Sexual dos Selvagens, 1927).

Nesta obra monumental, Malinowski refuta alguns conceitos básicos da psicanálise, como a fase anal, o Complexo de Édipo e o período de latência. Ao estudar e conviver durante dois anos com o povo trobriandês, das ilhas de Nova Guiné, na Melanésia, Malinowski descobriu que a palavra **pai**, por exemplo, “significa o homem casado com a mãe, que vive na mesma casa com ela, e forma parte do lar. [...] descrito [...] como *tomakava*, um “estranho”, ou, mais precisamente, um “intruso”.” (MALINOWSKI, 1927, p. 5, tradução nossa).

No início da vida dos trobriandeses, é o pai quem cuida das crianças, dando-lhes colo, carinho e proteção, limpando-as e alimentando-as juntamente com a mãe. Mas, com o passar dos anos, o irmão da mãe é quem gradualmente assume a autoridade sobre o sobrinho, dando-lhe algumas obrigações, auxiliando-o e permitindo ou proibindo algumas atividades.

Nas condições descritas, o pai parece assumir um papel maternal, dando acolhimento e aconchego aos filhos, ou, como concluiu Reich (1977, p. 197): “O pai desempenha somente a função de amigo dos filhos. O Complexo de Édipo dos europeus não existe entre os trobriandeses.”

Malinowski (1927, citado por Reich, 1977, p. 198) demonstra que não há repressão sexual entre os trobriandeses:

A vida sexual das crianças trobriandesas desenvolve-se naturalmente, livremente e sem interferências, através de todos os estágios da vida com satisfação sexual plena. [...] por essa razão, a sociedade trobriandesa [...] ignorava quaisquer perversões sexuais, enfermidades mentais funcionais, psiconeuroses e o assassinio de origem sexual; não havia uma palavra para “roubo”. [...] o trobriandês é espontaneamente limpo, ordeiro, naturalmente sociável, inteligente e trabalhador. [...] Não há promiscuidade.

Além da revisão da literatura etnográfico-antropológica, DeMeo (1986, 1998, *apud* DeMeo, 2009) realizou um levantamento sistemático de compêndios históricos e arqueológicos globais, confirmando as correlações entre traumas infantis e violência familiar e o surgimento de estados autoritários e belicosos.



A partir de dados históricos semelhantes, Gordon Taylor (1953: 83, citado por DeMeo, 2009) havia desenvolvido um esquema dicotômico do comportamento humano em várias sociedades: as matristas e as patristas.

Associando os conceitos de Taylor aos da economia sexual reichiana, DeMeo (2009, p. 410) propõe a seguinte tabela, na qual identifica as culturas matristas como desencouraçadas e as patristas como encouraçadas.

Tabela 1: Comportamentos, Atitudes e Instituições Sociais Dicotômicos		
Traço	Patrista (encouraçado)	Matrista (desencouraçado)
Bebês, Crianças e Adolescentes:	Menor tolerância Menos carinho Bebês traumatizados Transições dolorosas Dominados pela família Casas militares ou com segregação sexual	Maior tolerância Mais carinho Bebês não traumatizados Transições não dolorosas Democracia das crianças Casas ou vilas mistas e com idades variadas
Sexualidade:	Atitude restritiva Mutilações genitais Tabu da virgindade feminina Proibição severa da sexualidade adolescente Tendência homossexual e tabu severo Tendência ao incesto/ pedofilia e tabu severo Concubinato coercivo e prostituição	Atitude Permissiva Ausência de mutilações genitais Ausência do tabu da virgindade feminina Permissão total da sexualidade adolescente Ausência de tendência homossexual ou tabu forte Ausência de tendência ao incesto/ pedofilia ou tabu forte Ausência de concubinato coercivo ou prostituição
Mulheres:	Limites à liberdade Status inferior Tabu do sangue vaginal (himen, menstruação e parto) Não pode escolher o próprio parceiro Não pode divorciar-se voluntariamente Os homens controlam a fertilidade As funções reprodutivas são denegridas	Mais liberdade Status igual Ausência do tabu do sangue vaginal Pode escolher o próprio parceiro Pode divorciar-se voluntariamente As mulheres controlam a fertilidade As funções reprodutivas são celebradas
Estrutura Cultural e Familiar:	Autoritária Hierárquica Patrilineal Patrilocal Monogamia ou Poliginia compulsiva e para toda a vida Estrutura militar Violenta, sádica	Democrática Igualitária Matrilínea Matrilocal Monogamia não compulsiva ou Poligamia ocasional (poliginia ou poliandria) Militar, mas não sempre Não é violenta nem sádica
Religião e Crenças	Orientada para o homem/ pai Ascetismo, evitação do prazer, busca e ênfase no sofrimento Inibição Medo/ ódio pela natureza Especialistas religiosos em tempo integral Xamãs e curandeiros masculinos Códigos de conduta severos	Orientada para a mãe/ mulher O prazer é bem-vindo e institucionalizado Espontaneidade A natureza é amada e protegida Não há especialistas religiosos em tempo integral Xamãs e curandeiros masculinos ou femininos Ausência de códigos severos

É interessante notar que Taylor (1954), faz menção à diferenciação entre os termos matriarado e matrista por um lado e patriarado e patrista por outro. Enquanto o matriarado e o patriarado referem-se a instituições sociais, portanto mais permanentes e sólidas, os conceitos de matrismo e patrismo



designam atitudes, que podem mudar mesmo na permanência de instituições sociais que defendam objetivos opostos.

Já a classificação de DeMeo (2009) dispensa tais diferenciações, utilizando indistintamente os termos matrística e patrística para referirem-se tanto a atitudes como a instituições sociais.

Outros estudiosos modernos do matriarcado também utilizaram termos diferentes para referirem-se a sociedades matriarcais, tais como: “matrifocais”, “matricêntricas” ou “glicânicas”. Apesar dessas distinções, eles compartilham a mesma visão radical de sociedade e cultura, como uma alternativa ao patriarcado (GOETTNER-ABENDROTH, 2009).

Para DeMeo (2009), o patrismo interfere na biologia do bebê e das crianças, promovendo um aumento nas taxas de morbidade e mortalidade materno-infantil. As crianças e mulheres são vítimas de ritos traumáticos e dolorosos e da fúria assassina de homens agressivos e sádicos.

O matrismo teria sido universal em tempos remotos, pois derivaria de impulsos naturais dirigidos ao prazer. E por serem os impulsos inatos e livremente expressos, não haveria a produção de impulsos antissociais. Assim, a seleção natural favoreceria o matrismo por ele proteger os vínculos materno-infantis e de homem-mulher, possuindo um grande valor de sobrevivência (DEMEO, 2009).

Já o patrismo derivaria “[...] do bloqueio crônico, das inibições e do represamento dos impulsos biológicos [...]” (DEMEO, 2009, p. 409, tradução nossa).

Por outro lado, Reich, baseando-se em suas observações clínicas e nas ideias de Engels e Malinowski, entre outros, postulou que o patriarcado teria uma gênese socioeconômica e não biológica.

Cartier (1973) relata que, segundo Engels, em tempos remotos, havia um comunismo primitivo, no qual a propriedade era coletiva e, como o rendimento no trabalho era baixo, não havia excedentes e nem um consequente acúmulo de bens materiais. Neste período, havia uma preponderância da mulher sobre o homem. Como as relações sexuais eram livres, só se tinha a certeza de quem era a mãe da criança. Assim, a



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Saharasia: a passagem da cultura matriarcal desencouraçada para a cultura patriarcal encouraçada. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

6

descendência só podia ser reconhecida pelo lado materno. A filiação era matrilinear e a mãe passava a herança a seus filhos.

Contudo, com o início do cultivo da terra, da domesticação de animais e da exploração de escravos, começou a haver acumulação de excedentes nas mãos de alguns homens. De acordo com a divisão de trabalho vigente, os homens forneciam a alimentação enquanto as mulheres assumiam as tarefas domésticas. Nessa transição, os homens adquiriram poder econômico e destruíram o poder social das mulheres, submetendo-as. Deu-se início ao patriarcado. Chefes polígamos enclausuravam suas esposas para ter a certeza de que os filhos eram seus e beneficiá-los exclusivamente com sua herança. Maridos passaram a exigir fidelidade de suas esposas para garantir a manutenção da propriedade privada. Houve o estabelecimento de um código moral antisssexual severo nas famílias das classes dominantes. “Em resumo, segundo Reich, a repressão sexual nasce com a propriedade privada e com a instauração do patriarcado.” (CARTIER, 1973, p. 89).

No início do patriarcado econômico, a sexualidade das crianças e adolescentes era punida com a castração direta ou a mutilação genital. Posteriormente, a castração tornou-se psíquica, através do sentimento de culpa. O objetivo da repressão sexual é tornar o indivíduo obediente e submisso à ordem autoritária (REICH, 1977).

A família compulsiva oprime a criança diferentemente da família natural que se baseia em profundas relações de amor entre pais e filhos. Como a educação tem como função atender ao sistema social vigente, a educação autoritária e compulsiva serve aos interesses do patriarcado, criando a base para a formação de uma estrutura de caráter negativa em relação ao sexo, com medo da liberdade e submissa à autoridade.

Já, nas estruturas sociais matriarcais, os códigos de conduta não possuem proibições sexuais. Não há um código moral severo, pois os indivíduos se autorregulam. Como Reich (1969) exemplifica: se uma pessoa está sexualmente satisfeita, ela não terá nenhum impulso para estuprar e, conseqüentemente, não precisará de nenhum código moral contra tal impulso.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Saharasia: a passagem da cultura matriarcal desencouraçada para a cultura patriarcal encouraçada. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

7

“Esta é a autorregulação da economia sexual ao invés da regulação moral compulsiva.” (REICH, 1969, p. xxix, tradução nossa).

Dentro da concepção de que o patrismo é um sistema secundário, antinatural, DeMeo (2009) questiona-se sobre suas origens e afirma que há evidências de uma cultura matrística em camadas arqueológicas mais profundas e também indícios de transições para sociedades mais violentas, bélicas e dominadas pelo homem. Uma descoberta importante foi que

[...] as maiores e mais dramáticas dessas transformações culturais ocorreram em regiões específicas do Velho Mundo (principalmente na África do Norte, Oriente Médio e Ásia Central, por volta de 4.000-3.500 AC), simultaneamente a grandes mudanças ambientais, de condições relativamente úmidas para áridas. (DEMEO, 2009, p. 411, tradução nossa, grifo do autor).

Em fevereiro de 2012, foi apresentado um programa sobre o Saara na série “Como Nasceu Nosso Planeta”, do Discovery Channel. Segundo registros geológicos, o Saara já foi mar há milhões de anos atrás e também uma floresta tropical com animais, rios e lagos. Supõe-se que oscilações no eixo da Terra tenham provocado mudanças climáticas drásticas, transformando as regiões férteis em áreas inóspitas, sendo que o último ressecamento foi há 5.500 anos, que equivale ao período identificado por DeMeo (2009).

Deste modo, mudanças climáticas drásticas no Saara causaram repetidos episódios de secas e desertificação, o que por sua vez levaram à fome e inanição dos seus habitantes. Tais fenômenos prejudicaram os vínculos materno-infantis e de homem e mulher, causando sequelas físicas e emocionais irreversíveis e levando os povos a migrações em massa para as áreas fronteiriças mais úmidas. Nestas mudanças, a cultura matrística seria substituída pela patrística. “O patrismo teria se tornado fixo na estrutura de caráter assim como as condições de hiperaridez e de deserto tornaram-se fixas na paisagem.” (DEMEO, 2009, p. 412). E teria se perpetuado através das instituições sociais, dado seu caráter mais permanente.

DeMeo (2009, p. 414) elaborou o Mapa Comportamental Mundial, baseado na análise de 1170 culturas diferentes, descritas no Atlas Etnográfico de Murdock (MURDOCK, 1967, citado por DEMEO, 2009). Cada cultura foi avaliada de acordo com variáveis relacionadas ao esquema matrística-patrística da



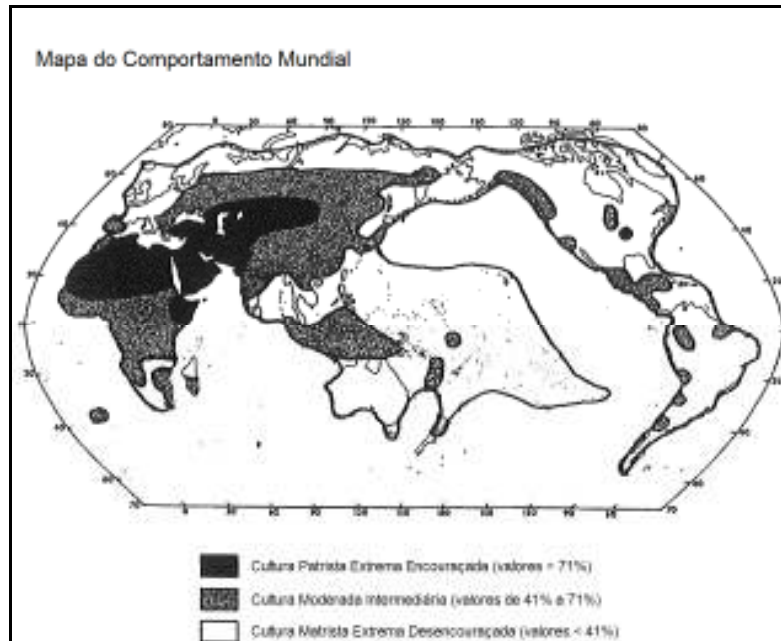
COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Saharasia: a passagem da cultura matriarcal desencouraçada para a cultura patriarcal encouraçada. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

8

Tabela 1. Os povos que possuíam uma alta percentagem de características patristas receberam uma pontuação alta e vice-versa.

O resultado é o mapa a seguir:



Através deste Mapa, pode-se observar que o patrismo não foi nem universal nem aleatório em sua distribuição pelo mundo:

[...] a área de patrismo mais extremo do Velho Mundo encontra-se [...] [no] mesmo território geográfico [que] engloba o que é hoje o ambiente desértico mais intenso, extenso e hiperárido da Terra. [...] Denominei Saharasia a essa faixa ampla de cultura e clima extremos correlacionados (DEMEO, 2009, p. 413, tradução nossa, grifo do autor).

Quanto aos povos que habitavam a região na época, eram geralmente pacíficos, desarmados – de caráter matrística. A suposição de que o matrismo constituía a organização social universal baseia-se, por exemplo, na **presença** de artefatos que incluem objetos e desenhos nas cavernas que retratam as mulheres, as crianças, a dança, a música e a caça. A segunda evidência baseia-se na **ausência** de “[...] provas arqueológicas para o caos, a guerra, o sadismo e a brutalidade, que se tornam evidentes em estratos mais recentes, após o ressecamento do *Saharasia*.” (DEMEO, 2009, p. 416, tradução nossa). Algumas dessas evidências são: armas de guerra, assassinatos ritualísticos de mulheres e crianças e templos dedicados a grandes governantes masculinos.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

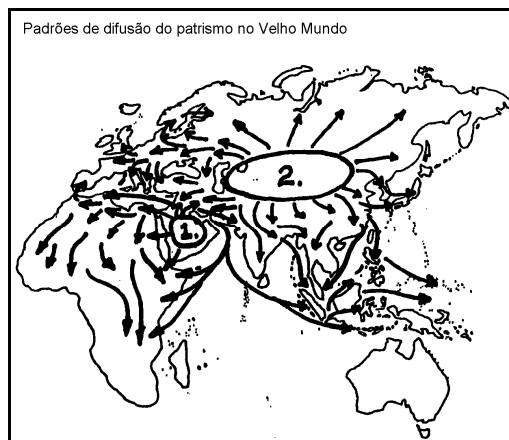
CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Saharasia: a passagem da cultura matriarcal desencouraçada para a cultura patriarcal encouraçada. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

9

O estilo artístico do período de estiagem também muda para enfatizar guerreiros montados, cavalos, carruagens, batalhas e camelos. Desaparecem as cenas de mulheres, crianças e do cotidiano. As estátuas femininas tornam-se mais abstratas e irreais e são substituídas por estátuas de deuses masculinos.

À medida que o ressecamento se instalava no *Saharasia*, os povos migravam e invadiam os territórios fronteiriços mais úmidos. Nestas fronteiras, o patrismo estabeleceu-se devido à aniquilação das culturas matristas ou à imposição de novas instituições sociais patristas pelos conquistadores (DEMEO, 2009).

Estas migrações e invasões obedeceram a um padrão geográfico. Após 4.000 AC, destacam-se duas regiões centrais do patrismo, que também foram as primeiras a ressecar: uma na Arábia e a outra na Ásia Central, de onde partiram as migrações dos povos semitas e indo-arianos. Para ilustrar essas migrações, DeMeo (2009, p. 419-420) elaborou mais dois mapas que sugerem, respectivamente, os padrões de difusão do patrismo no Velho Mundo, por um lado, e na Oceania e Novo Mundo, por outro. De acordo com essa hipótese, os primeiros povos a migrarem para as Américas eram pacíficos e matristas, sendo que os grupos patristas chegaram somente após 4.000 AC e estabeleceram-se principalmente nas regiões costeiras e às margens dos rios.

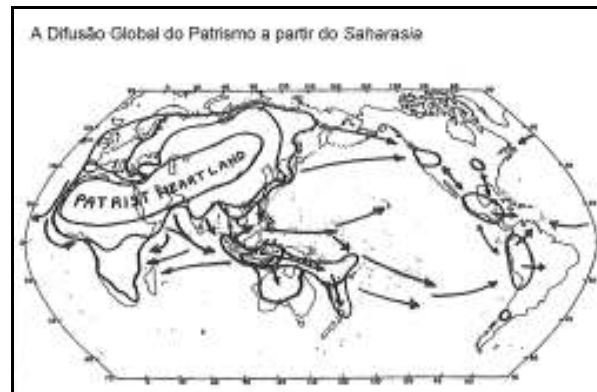




COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Saharasia: a passagem da cultura matriarcal desencouraçada para a cultura patriarcal encouraçada. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

10



ESTUDOS MODERNOS SOBRE O MATRIARCADO

O artigo “Saharasia” de DeMeo (2009) foi apresentado no Segundo Congresso Mundial dos Estudos sobre o Matriarcado, em 2005. Assim, vamos agora contextualizá-lo dentro desse panorama mais geral.

A filósofa alemã Heide Goettner-Abendroth fundou em 1986 a HAGIA – Academia Internacional para os Estudos Modernos do Matriarcado e da Espiritualidade Matriarcal. É considerada a “mãe” desses estudos.

De acordo com Goettner-Abendroth (2009), os Estudos Modernos do Matriarcado são uma nova ciência sociocultural e surgiram na década de 1980 como uma reação à visão distorcida das ciências sociais sobre as sociedades matriarcais, baseada em paradigmas de gênero, crenças religiosas e centrada no homem. Através de uma profusão de estudos e achados históricos e arqueológicos recentes, uma nova visão da história humana e da sociedade vem surgindo.

Um dos princípios dos Estudos Modernos do Matriarcado é que o paradigma patriarcal, representado pela globalização capitalista da miséria e da violência, seja substituído pelo modelo mais sustentável e socialmente mais evoluído das sociedades matriarcais.

Estas são caracterizadas pela igualdade e respeito entre seus membros. Há uma igualdade entre os gêneros, entre as gerações e o equilíbrio entre o indivíduo e a natureza. A igualdade não é baseada nem na homogeneização nem na padronização que caracterizam as sociedades patriarcais, mas no respeito e na valorização da diversidade e da complementariedade.



São organizações sociais pacíficas, não violentas e não hierarquizadas, onde as decisões políticas são tomadas através do consenso. Nelas, os aspectos políticos, econômicos, socioculturais e espirituais são interdependentes.

Enquanto as sociedades patriarcais visam à dominação, as sociedades matriarcais são direcionadas para a satisfação das necessidades e são inclusivas (GOETTNER-ABENDROTH, 2009).

Tal forma de organização social era também uma aspiração reichiana: “[...] uma sociedade livre não colocaria nenhum obstáculo no caminho da gratificação das necessidades *naturais*.” (REICH, 1969, p. 24, tradução nossa, grifo do autor).

Outro ponto em comum entre os conceitos elaborados pelos estudiosos modernos do matriarcado e Reich é a busca de um novo paradigma cultural - um modelo afirmativo da vida: “As lutas sociais atuais [...] são entre os interesses que *protegem e afirmam a vida* por um lado, e os interesses que *destroem e suprimem a vida* por outro.” (REICH, 1969, p. xviii, tradução nossa, grifo do autor).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Goettner-Abendroth (2009) tece comentários sobre as conclusões de DeMeo em relação ao surgimento e expansão do patriarcado.

Considera a teoria de DeMeo interessante, pois se baseia em evidências geográficas concretas e não em suposições. Contudo, ela questiona o caráter generalista da teoria, afirmando que o tipo de patriarcalização que ocorreu no *Saharasia* foi distinto do que aconteceu em regiões como as Américas e a Oceania.

De fato, Malinowski (1929, citado por Reich, 1977) descobriu que a poucas milhas das ilhas Trobriand, na Oceania, havia uma tribo com organização social patriarcal.

Outro argumento levantado por Goettner-Abendroth (2009) diz respeito à época atribuída por DeMeo ao início do patriarcado e sua ligação com a desertificação. Ela questiona porque o patriarcado não teve início então em



épocas mais remotas, onde outras grandes alterações ocorreram no clima da Terra, como nas Eras do Gelo.

Apesar de questionar a data sugerida por DeMeo para o início do patriarcado, Goettner-Abendroth (2009) parte da mesma datação para explicar o início das migrações relacionadas ao começo do patriarcado. Ela também identifica que a causa principal das migrações dos povos indo-europeus a partir da Ásia Central foi a desertificação e a extinção dos recursos naturais. Na luta pela sobrevivência, esses povos tornaram-se nômades, tiveram que abandonar as práticas de agricultura e retomar as atividades paleolíticas de caça. Nessas migrações, os homens deixavam a rara caça para as mulheres e as crianças, que acabaram ficando para trás enquanto eles foram em busca da própria sobrevivência. Ao encontrar as regiões mais férteis da Europa Oriental, e ao descobrirem que tais terras já estavam ocupadas, eles não podiam mais voltar para as estepes inóspitas. Então, inventaram armas, para apropriarem-se das regiões recém-descobertas. Conseqüentemente, surgiram a guerra, a dominação, e a criação de classes sociais, nas quais os guerreiros conquistadores eram a classe dominante e os povos nativos foram escravizados. “Neste ponto, e somente então, o patriarcado se inicia, já que a primeira estrutura de dominação foi inventada.” (GOETTNER-ABENDROTH, 2009, p. 431, tradução nossa).

Então, a desertificação parece ter sido realmente o fator desencadeante desses êxodos, com seu espectro de fome e morte. Nas Eras do Gelo, como a própria Goettner-Abendroth (2009) afirma, os povos que migraram para o sul encontraram terras férteis vazias que os abrigaram até o degelo, quando então puderam retornar às suas terras de origem e retomar suas formas de organização social matriarcal.

Portanto, em relação à época de início do patriarcado, parece-nos não haver as contradições levantadas por Goettner-Abendroth (2009) nos achados de DeMeo.

Contudo, Goettner-Abendroth (2009) argumenta que a teoria de DeMeo de que o patriarcado teria como causas exclusivas a desertificação e as



mudanças biopsicológicas parece oferecer uma visão reducionista de um fenômeno muito mais abrangente, complexo e multicausal.

Além disso, pudemos constatar que na visão reichiana, o patriarcado era fruto de causas socioeconômicas e não simplesmente de alterações emocionais ou biológicas.

Concluimos que, apesar de alguns pontos controversos, a teoria proposta por DeMeo traz contribuições valiosas sobre as origens do patriarcado, devendo somente ser complementada com outros estudos, como ele mesmo declara: “É evidente que pesquisas adicionais serão necessárias para confirmar ou clarificar esses caminhos sugeridos [de difusão do patrismo].” (DEMEO, 2009, p. 419, tradução nossa).

.....

REFERÊNCIAS

CARTIER, M. A Família e a Função Social da Repressão Sexual. In: REICH, W.; ALZON, C. **Casamento Indissolúvel ou Relação Sexual Duradoura?** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, s/d.

DEMEO, J. Saharasia: The Origins of Patriarchal Authoritarian Culture in Ancient Desertification. In: GOETTNER-ABENDROTH, H. (Org.) **Societies of Peace: matriarchies past, present and future: selected papers, first World Congress on Matriarchal Studies, 2003, second World Congress on Matriarchal Studies, 2005.** Canada: Inanna Publications and Education Inc., 2009, p. 407-423.

GOETTNER-ABENDROTH, H. Introduction: Matriarch and Modern Matriarchal Studies. In: GOETTNER-ABENDROTH, H. (Org.) **Societies of Peace: matriarchies past, present and future: selected papers, first World Congress on Matriarchal Studies, 2003, second World Congress on Matriarchal Studies, 2005.** Canada: Inanna Publications and Education Inc., 2009, p. 1-14.

GOETTNER-ABENDROTH, H. The Deep Structure of Matriarchal Society: Findings and Political Relevance of Modern Matriarchal Societies. In: GOETTNER-ABENDROTH, H. (Org.) **Societies of Peace: matriarchies past, present and future: selected papers, first World Congress on Matriarchal Studies, 2003, second World Congress on Matriarchal Studies, 2005.** Canada: Inanna Publications and Education Inc., 2009, p. 17-28.

GOETTNER-ABENDROTH, H. Notes on the Rise and Expansion of Patriarchy. In: GOETTNER-ABENDROTH, H. (Org.) **Societies of Peace: matriarchies past, present and future: selected papers, first World Congress on Matriarchal**



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

14

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Saharasia: a passagem da cultura matriarcal desencouraçada para a cultura patriarcal encouraçada. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2012. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Studies, 2003, second World Congress on Matriarchal Studies, 2005. Canada: Inanna Publications and Education Inc., 2009, p. 424-433.

GOETTNER-ABENDROTH, H. *et al.* Declaration on Matriarchal Politics. In: GOETTNER-ABENDROTH, H. (Org.) **Societies of Peace**: matriarchies past, present and future: selected papers, first World Congress on Matriarchal Studies, 2003, second World Congress on Matriarchal Studies, 2005. Canada: Inanna Publications and Education Inc., 2009, p. 437-449.

MALINOWSKI, B. **The Sexual Life of Savages** in North-Western Melanesia: an ethnographic account of courtship, marriage and family life among the natives of the Trobriand Islands, British New Guinea. New York: Eugenics Publishing Company, 1929.

REICH, W. **The Sexual Revolution**. 4th ed. New York: FARRAR, STRAUS AND GIROUX, 1969.

REICH, W. **A Função do Orgasmo**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

REICH, W. **Psicologia de Massas do Fascismo**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TAYLOR, G.R. **Sex in History**. Vanguard Press, 1954.

AUTORA

Gisele Fontenelle de Oliveira Castro (CRP 12/ 01129) – Psicóloga (PUC/RJ) e Psicoterapeuta Corporal (Centro Reichiano/Ctba). Atende em consultório particular e na Prefeitura de Joinville/SC. Ministra cursos.

E-mail: giselefontenelle@yahoo.com